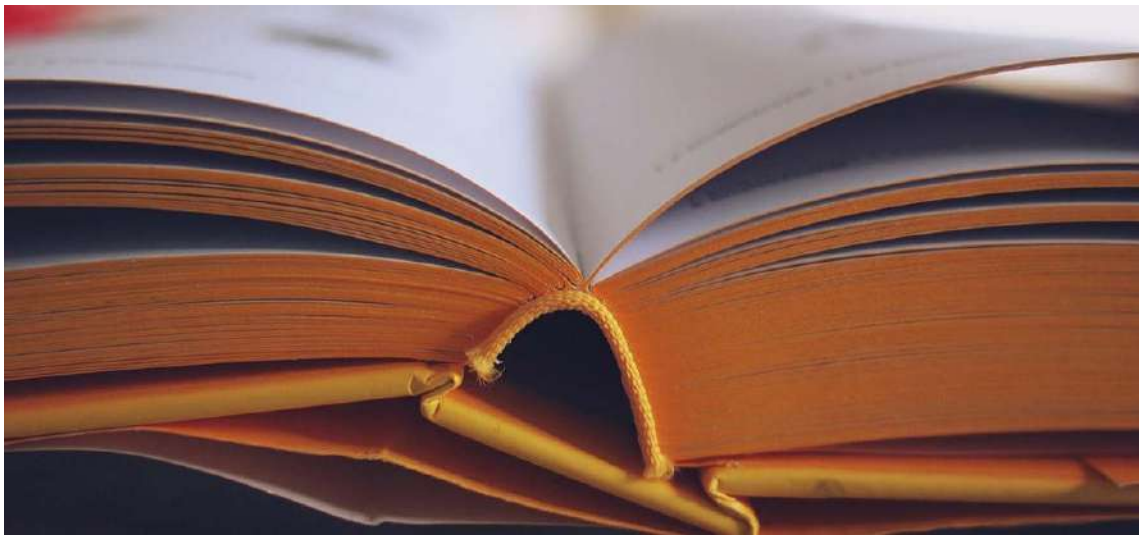


DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Fevereiro 2019

GUIA DE LEITURA

BERTA ISLA – Javier Marias

Javier Marias

Biografia: Nasceu a 20 de setembro de 1951, em Madrid, mas viveu grande parte da infância nos Estados Unidos, para onde a família se mudou a fim de escapar à ditadura de Franco. Tanto o pai como a mãe eram professores e escritores. O bichinho das letras estava-lhe, por isso, no sangue, e ainda antes de completar 20 anos já tinha publicado o seu primeiro livro. Foi, no entanto, enquanto tradutor que começou por se destacar, recebendo inclusive um prémio pela tradução de A Vida e Opiniões de Tristram Shandy. Seguiram-se muitos outros, mas todos pelo talento enquanto escritor, destacando-se o International Dublin Literary Award por Coração tão Branco. Noutro dos seus romances, Todas las Almas, contou a história (verídica) do reino de Redonda, uma micronação perto de Antígua e Barbuda. Foi posteriormente contactado pelo soberano local que se disse cansado de ser rei e lhe ofereceu o título. Javier Marías tornou-se desta forma rei de Redonda, tendo desde então conferido vários títulos a personalidades que admira – António Lobo Antunes, por exemplo, foi indicado Duque de Crocodilos – e instaurado inclusive um prémio literário. É um dos mais destacados escritores espanhóis da actualidade. É autor, entre outros romances, livros de contos e de ensaio, de vários romances publicados em Portugal pela Alfaguara: Assim começa o mal, Os enamoramentos (Prémio Giuseppe Tomasi di Lampedusa, Prémio Qué Leer), Coração tão branco (Prémio da Crítica em Espanha, Prix l'Oeil et la Lettre, IMPAC Dublin Literary Award), Amanhã na batalha pensa em mim (Prémio Fastenrath, Prémio Rómulo Gallegos, Prix Fémina Étranger), além da trilogia O teu rosto amanhã. Berta Isla venceu o Prémio Nacional da Crítica, em Espanha, e foi selecionado pelo jornal El País como o melhor livro do ano. Pelo conjunto da sua obra recebeu vários prémios: Em 1997 recebeu o Prémio Nelly Sachs, em Dortmund; em 1998, o Prémio Comunidad de Madrid; em 2000, os prémios Grinzane Cavour, em Turim, e Alberto Moravia, em Roma; em 2008, os prémios Alessio, em Turim, e José Donoso, no Chile; e, em 2011, o Prémio Nonino, em Udine, e o Prémio Literário Europeu. Entre as traduções de sua autoria, destaca-se a de Tristram Shandy. Foi professor na Universidade de Oxford e na Universidade Complutense de Madrid.A sua obra encontra-se publicada em quarenta idiomas e cinquenta países, com oito milhões de exemplares vendidos em todo o mundo. É membro da Real Academia Espanhola.

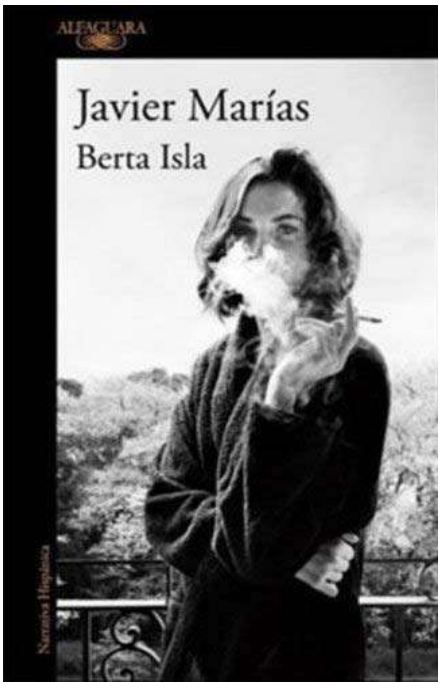
Sinopse de *Berta Isla:* PRÉMIO NACIONAL DA CRÍTICA

Berta Isla é a história de uma mulher que espera e se transforma. A história de um amor imperfeito, como o são todos. Mais um grande romance de um dos mais aclamados autores espanhóis do nosso tempo. Berta Isla e Tomás Nevinson conheceram-se muito jovens, em Madrid, e rapidamente decidiram passar o resto da vida juntos. Não podiam adivinhar, enquanto estudantes no dealbar da idade adulta, que o futuro lhes reservava uma convivência intermitente, pontuada por um desaparecimento. Berta casou com Tomás pensando que o conhecia desde sempre, convencida de ter encontrado o seu destino. Mas, na realidade, não sabia nada verdadeiramente importante sobre ele. Tomás escondia-lhe algo que não podia partilhar com ninguém, nem mesmo com ela. No tempo em que fora estudante em Oxford, um acidente num «dia estúpido» mudou tudo e condicionou a sua vida para sempre, e a de Berta também. Berta Isla é a história de um homem que quer intervir na História, acabando desterrado do mundo. É a história de uma mulher que espera por uma vida completa e, nessa espera, se transforma. É sobretudo uma história da fragilidade e tenacidade de uma relação condenada ao segredo, ao fingimento, ao desencontro; uma história de amor em que lealdade e ressentimento se entrelaçam. «Cada coração palpitante é um segredo para o coração mais próximo, aquele que dormita e palpita ao seu lado», escreveu Dickens. E essa é a história de todas as relações de amor.

A espera que transforma

Romance sobre a incerteza da espera e a decepção: a história de uma mulher que ao longo de décadas tenta resistir a uma ideia de amor.

José Riço Direitinho 4 de Janeiro de 2019



Javier Marías (n. 1951), aquele a quem já chamaram "o menos hispânico dos escritores espanhóis", regressa com *Berta Isla*, um romance em que nos interroga e nos sacode enquanto recupera algumas personagens da sua magnífica trilogia *O Teu Rosto Amanhã*. À semelhança do que acontece em alguns dos seus livros mais recentes, também neste existe uma personagem dividida entre a cultura inglesa (estudou em Oxford, universidade onde Marías também leccionou) e a cultura espanhola: Tomás (Tom Nevinson), filho de pai inglês, cresce em Madrid (onde muito novo conhece Berta Isla, a mulher com quem se virá a casar), mas faz os estudos universitários em Inglaterra.

É durante este período estudantil, depois de se ver envolvido num assassinato e de aparentemente ser chantageado, que os serviços secretos ingleses o recrutam — ele é um superdotado para

línguas, para imitar tons de voz e sotaques — e passa a ser enviado em missões de espionagem, com uma longa carreira como infiltrado. Dito isto assim, poderá parecer ser este um romance *noir* ou uma história cheia de aventuras com espiões. Não é. É "apenas" a história de uma mulher que espera porque acreditou numa ideia de amor — e por isso será testada ao longo de décadas.

Berta Isla

Berta Isla casa com Tom pensando que o conhecia desde sempre, e tendo a convicção de que estão destinados a ficarem juntos — talvez tivesse sido esta ideia, mais do que qualquer outra, o que a fez esperar por um amor que idealizara e que nunca chegaria. Mas, na verdade, Berta nada sabia de importante sobre Tom — ele obrigara-se a esconder algo de todos, mesmo dela, e durante toda a vida. "Quem se habitua a viver à espera nunca consente por completo que esta termine", diz o narrador; e dirá também a personagem mais tarde.

Assim começa o romance, em frases precisas que lhe dão o tom: "Durante algum tempo não teve a certeza se o seu marido era o seu marido (...). Às vezes acreditava que sim, às vezes acreditava que não, e às vezes decidia não acreditar em nada e continuar a viver a sua vida com ele, ou com aquele homem semelhante a ele". É a partir desta espécie de mote — será repetido no final do romance, desta vez pela boca de Berta Isla — que Marías começa o seu trabalho, no seu estilo inconfundível, de desocultação das névoas, de escavar até às raízes, e muitas vezes é aqui que ele encontra a chave que desperta o desejo —, um dos seus temas preferidos, apesar de muitas vezes dissimulado por outras forças mais visíveis. Para Javier Marías a literatura (os romances que escreve) parece funcionar sempre como uma forma de se chegar ao conhecimento, tentando antes descobrir os mistérios que as personagens guardam, aquilo que nelas está invisível e que aos poucos vai saindo da penumbra das suas vidas. A sua prosa introspectiva (característica que o distingue da maioria dos autores espanhóis, e cada vez mais acentuada), bastante digressiva e heterodoxa, serve para, aos poucos, ir tornando clara uma tentativa de compreensão do mundo. A acção narrada torna-se reduzida (acontece cada vez mais nos seus romances), algumas cenas descritas parecem quadros ou cenários imóveis, como se fosse necessário parar o tempo para se conseguir perceber melhor a vida.

Este é um dos romances mais complexos de Marías, onde tudo parece exageradamente apurado: desde o estilo de longuíssimos períodos que serpenteiam entre o relato e a reflexão, até à alternância de narradores numa construção narrativa que parece delineada ao milímetro. As próprias referências literárias, por vezes em jeito de citação (Shakespeare, T. S. Eliot, Dickens), algumas na voz narrativa de Berta, não são mero jogo literário ou tentativas de legitimação do texto, mas antes funcionam como a voz do oráculo que anuncia o destino. Javier Marías joga com um narrador na terceira pessoa, que lhe permite um afastamento para digressões reflexivas e apontamentos humorísticos de vez em quando; no entanto, é a voz de Berta que esse narrador muitas vezes glosa, essa mulher chamada Isla (Ilha), que mais não é do que, mais uma vez, uma espécie de destino a cumprir: a solidão anunciada no seu baptismo.

Berta Isla é um romance sobre a decepção, a ignorância e a incerteza da espera: a história de uma mulher que ao longo de décadas tenta resistir a uma ideia de amor, e que se vai apercebendo que essa história, a da sua vida, se resume a umas linhas na narrativa da vida de alguém com quem viveu muito tempo e que não conhece.

Este é "Berta Isla", o 15.º romance de Javier Marías

PEDRO MEXIA

Na sua mais recente ficção, Javier Marías analisa em detalhe as consequências do secretismo na vida concreta das pessoas ao dar voz aos pensamentos da mulher de um espião

Nenhum homem é uma ilha, escreveu um poeta inglês, mas em "Berta Isla" o romancista espanhol Javier Marías sugere o contrário: somos todos ilhas, estamos isolados, não comunicamos e não nos conhecemos. De tal modo que uma das personagens é "ilha" de apelido: Berta Isla (talvez um jogo com a expressão horaciana "beatus ille", "afortunado aquele", ou seja, aquele que consegue uma vida despojada e desprendida).

CRÍTICAS DE IMPRENSA

«Um extraordinário narrador, um dos grandes, no sentido mais absoluto. Berta Isla é uma obra-prima. Marías é um mestre na arte de misturar quotidiano e paixão, mistério e banalidade, segredo e insinuação. Um dos seus grandes temas é o casamento, território em que se encontram e entrecruzam o amor e o desamor, a proximidade e a ausência, o segredo e a entrega.»
Claudio Magris, El Mundo

«Um romance maravilhoso. [...] Berta Isla recorda-nos por que razão a ficção, nas mãos dos seus melhores artesãos, continua a ser a única forma de nos conhecermos cabalmente.»
Juan Gabriel Vásquez, Babelia, El País

«Marías reinventou de forma extraordinária a sua própria obra, alcançando uma precisão, uma emoção, um mistério que raramente se encontram na literatura dos seus contemporâneos. Um romance soberbo.»
Fernando R. Lafuente, ABC Cultural

«Marías construiu uma obra-prima.»
José María Pozuelo Yvancos, ABC Cultural

«Penso que Berta Isla é um dos melhores - talvez o melhor - romances de Marías. [...] Admiro a sua capacidade para sondar os mais recônditos recantos da alma humana.»

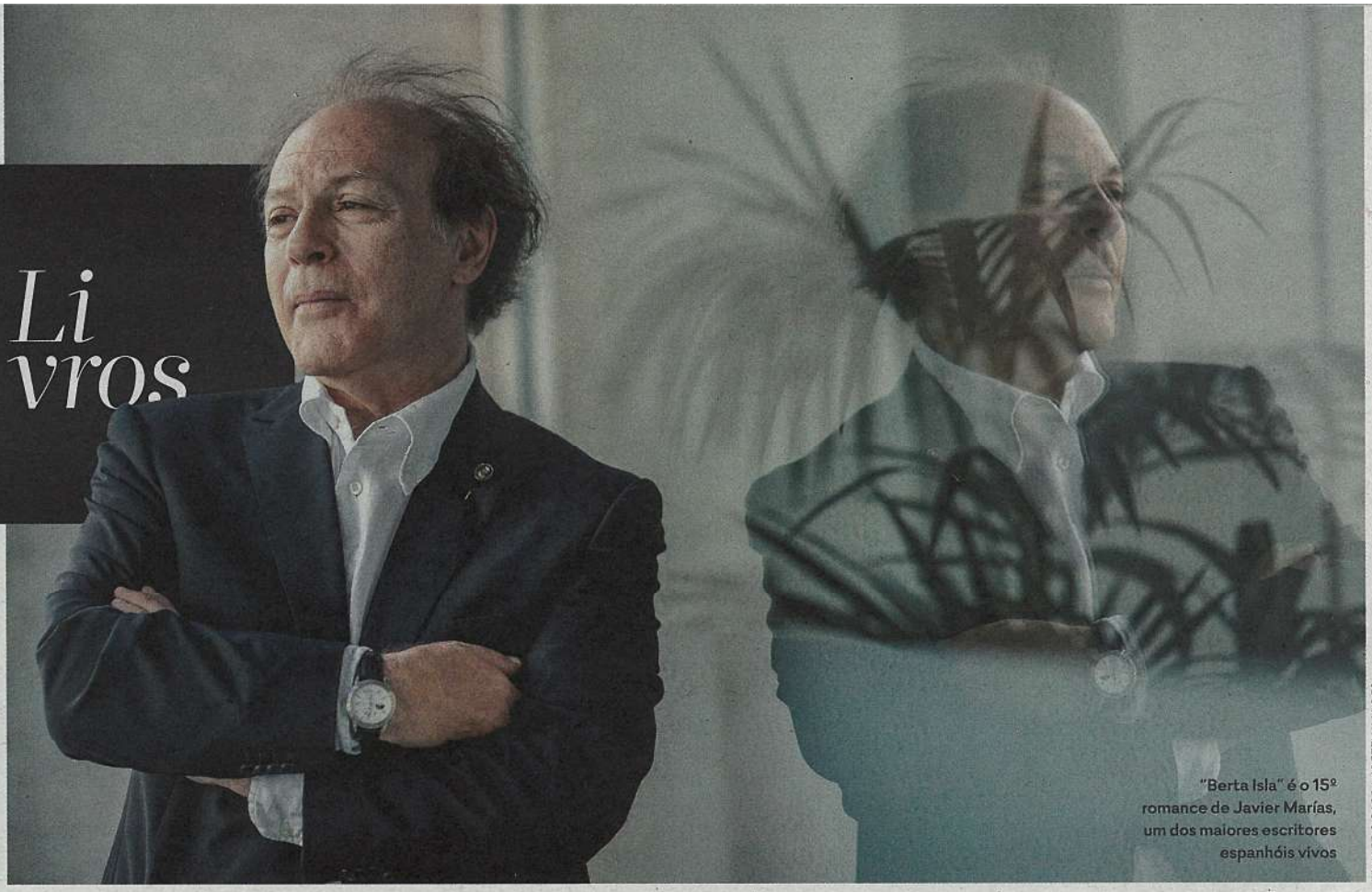
Julia Navarro, ABC Cultural

«Berta Isla é um dos romances mais complexos e atrevidos romances do autor e, sem dúvida, o mais inquietante e desolado.»
José-Carlos Mainer, Babelia, El País

«A autenticidade, aliada ao talento narrativo, é uma das grandes virtudes de Marías. Berta Isla é disso um exemplo magnífico.»
J. A. Masoliver Ródenas, La Vanguardia

«O que cabe em Berta Isla somos nós. Aquilo que nos move e que nos dói. O que não sabemos, mas suspeitamos.»
Antonio Lucas, El Mundo

«Javier Marías criou um romance excepcional. Instalado numa altíssima categoria de qualidade literária, o talento do escritor não esmorece nem se conforma com os caminhos já explorados.»
Domingo Ródenas, El Periódico



"Berta Isla" é o 15º romance de Javier Marías, um dos maiores escritores espanhóis vivos

EDUARDO PARRA/GETTY IMAGES

Alguém e ninguém

Na sua mais recente ficção, Javier Marías analisa em detalhe as consequências do secretismo na vida concreta das pessoas ao dar voz aos pensamentos da mulher de um espião

TEXTO **PEDRO MEXIA**

★★★★★

BERTA ISLA
Javier Marías
Alfaguara, 2018, trad. de Paulo Ramos, 496 págs., €23,50
Romance

Nenhum homem é uma ilha, escreveu um poeta inglês, mas em "Berta Isla" o romancista espanhol Javier Marías sugere o contrário: somos todos ilhas, estamos isolados, não comunicamos e não nos conhecemos. De tal modo que uma das personagens é "ilha" de apelido: Berta Isla (talvez um jogo com a expressão horaciana "beatus ille", "afortunado aquele", ou seja, aquele que consegue uma vida despojada e desprendida).

A madrilena Berta é casada com o anglo-espanhol Tomás Nevinson, homem de notória ambiguidade moral. Já eram namorados quando ele estudou em Oxford, longe dela, e se tornou conhecido pela fluência em várias línguas e pela capacidade de imitar sotaques, entoações, vozes. Um dos seus tutores achou então que o rapaz teria futuro como agente secreto. Tomás resiste à ideia, mas um episódio nebuloso (o homicídio de uma amante ocasional) leva-o a alistar-se na "defesa do reino". Talvez não tenha vocação, mas é competente, um bom "corta-fogo", como ele diz. Aos poucos, vai-se habituando a uma vida de opacidade. E não apenas de opacidade: uma vida de mentiras, disfarces, intrigas, dissimulações, duplicidades, traições. É assim a zona de sombra que os espiões habitam, mas, sugere Marías, é assim que vive muita gente, gente que os outros, e até os cônjuges, mal conhecem.

Estando Tomás obrigado ao segredo profissional, Berta vive as consequências desse secretismo. Espera por ele longas temporadas, sem saber onde ele está ou o que faz, espera como tantas mulheres esperaram ao longo dos séculos, com uma lealdade que é talvez amor, talvez submissão. Como nada sabe sobre Tomás, Berta Isla entrega-se às actividades mentais que definem as personagens de Marías: as rememorações, as especulações, as conjecturas. Acompanhamos mais os pensamentos de Berta do que as acções de Tomás, que ficam fora de campo, tal como, a certa altura, o próprio Tomás, que desaparece durante a Guerra das Malvinas.

E a conjectura seguinte consiste em perguntar se ele um dia não regressará do mundo dos mortos, como o coronel Chabert da novela de Balzac.

Berta Isla, que ensina literatura na universidade, acaba por não se distinguir nesse aspecto das outras personagens, uma vez que todas fazem da citação uma forma de pensamento. Podem ser uns versos de Eliot (o que é o presente e o passado?, quem está vivo e quem está

morto?). Pode ser o "Henrique V" (o que é a razão de Estado, a boa causa, a obediência?). Pode ser um título de Conrad ("The Secret Agent"). É a literatura que ensina as personagens a levarem a sério as vidas fictícias, a pensarem nessas vidas como tão verdadeiras quanto a nossa verdadeira vida. Não é apenas uma "suspensão da descrença" de âmbito romanesco, é mesmo uma suspensão das convicções existenciais: "Quanto daquilo que nos dizem pode ser e não ser, pode ser o mais decisivo e o mais indiferente, o mais inócuo e o mais crucial, aquilo que afecta a nossa existência e aquilo que nem sequer a toca de raspão. Podemos viver num erro contínuo, acreditarmos que temos uma vida compreensível e estável e captável e descobrirmos que é tudo inseguro, pantanoso, não manuseável, sem fundamentos em terra firme (...)." O que é que acontece de facto? Que diferença há entre aquilo que imaginamos e aquilo que aconteceu? Como podemos acreditar no que quer que seja com algum grau de certeza? E porque não trocar a insegura verdade individual pelo consolo da versão oficial? Esse "erro contínuo" engana toda a gente, incluindo Tomás. Ele decidiu ser espião em parte porque queria ser "alguém", queria agir sobre o mundo; mas um espião é por excelência "ninguém", um sujeito sem identidade. E, ironicamente, isso até é o que mais convém ao carácter fugidio e inquieto de Tomás. A verdade é que quase todos os episódios, fundamentais ou incidentais, são descritos por Marías como densos, indecidíveis, paradoxais: os encantos da imperfeição física, o tédio da vida aventurosa, a lascívia dos idealistas, terríveis ameaças, abjectas solidões, uma iniciação sexual com um bandarilheiro, um encontro frustrado com um amante envelhecido, e assim por diante, tudo contado de forma seguríssima, ousada, elegante. Ninguém quer ser uma ilha, e toda a gente é uma ilha. Toda a gente quer ser alguém, mas quase ninguém é alguém: "Tudo o que aconteceu podia não ter acontecido e, na essência, seria tudo igual. Ou teria acontecido de outra maneira, ou com algum desvio ou circunlóquio, ou mais tarde, ou com outros protagonistas. É indiferente, não podemos sentir falta daquilo que não sucedeu (...)." ●

Pedro Mexia escreve de acordo com a antiga ortografia

Olhar para lá das gaiolas douradas

O título desta novela gráfica pode induzir o leitor português em erro. "Maria e Salazar" não é mais uma história sobre a relação ambígua entre o homem que governou Portugal durante décadas e a governanta que tomava conta dos seus espaços domésticos, desde os tempos de Coimbra até à longa estadia no palácio de São Bento. A Maria de que se ocupa o francês Robin Walter (n. 1979), nesta obra de uma quase cândida transparência autobiográfica, é uma emigrante portuguesa que chegou a Paris no início dos anos 70 e foi empregada dos seus pais desde que ele se lembra. Quando estes decidem vender a casa da família, em Champigny-sur-Marne, Robin resolve saber mais sobre a vida de Maria, o seu percurso e o do marido, as razões por que saíram de Portugal e as dificuldades da integração em França. O livro segue então dois caminhos paralelos: de um lado, uma investigação abrangente sobre o fenómeno da emigração portuguesa, apoiada na leitura de livros de História e visionamento de documentários, visitas a museus e contacto com amigos de ascendência portuguesa; do outro, a história concreta de Maria e Manuel, contada pelos próprios, da existência difícil na aldeia à partida do rapaz quando a oportunidade se ofereceu, depois de cumprir o serviço militar e de casar, deixando a mulher grávida. Ao mostrar todas as etapas do trabalho, que implicou uma progressiva apropriação dos factos e uma lenta curva de aprendizagem, "Maria e Salazar" tem como principal mérito a honestidade. Em momento algum pretende ser mais do que o relato da pessoalíssima descoberta, por parte do autor, de uma realidade — a da emigração portuguesa em França — olhada para lá dos estereótipos que se associam à comunidade lusa, nomeadamente na comédia cinematográfica "A Gaiola Dourada" (subtilmente evocada num cartaz de rua). No entanto, à exceção das páginas em que Robin revisita os fantasmas de um *bidonville*, tudo parece excessivamente arredondado, limpinho, sem arestas e sem espessura. O banal enquadramento familiar não passa de uma moldura que ocupa espaço a mais. Falta ainda rasgo criativo à articulação dos vários núcleos narrativos, como que presos no colete de forças de um didatismo bem intencionado. / **JOSÉ MÁRIO SILVA**

★★★

MARIA E SALAZAR
Robin Walter
Polvo, 2018, 128 págs., €11,90
Novela gráfica

ISTO ANDA TUDO LIGADO

TALVEZ NÃO EXISTA ARTE, MAS TÃO-SÓ MEDICINA

/ ANA CRISTINA LEONARDO

Enquanto a realidade nos entra porta adentro, rufando tambores e sem pedir licença, livros há em que o efeito é semelhante, tomando-nos de assalto em dois ou três parágrafos. A surpresa é quase imediata. Não tão imediata, é certo, como a que nos colhe mal abrimos a "Crónica de Uma Morte Anunciada", abocanhada a jugular sem mais preâmbulos: "No dia em que iam matá-lo, Santiago Nasar levantou-se às 5h30 da manhã para esperar o barco em que chegava o bispo." Enquanto escolho dois exemplos, a realidade, no caso Xi Jinping, faz as contas aos dois milhões pagos pelo exclusivo do Ritz de Lisboa, episódio insignificante se comparado à compra do Le Desert de Las Vegas pelo Hughes — perguntaram-lhe se podia desimpedir um ou dois quartos do andar que alugara por inteiro ("We apologize for any inconvenience..."), e o Howard em vez disso sacou do *cash* e comprou tudo, um capitalista de *motu proprio* é outro nível. Voltando à ficção, a conselho da ave de Eliot, eis-nos com 'É Que Somos Muito Pobres' (*in* "A Planície em Chamas", Juan Rulfo, Cavalo de Ferro) e "O Dia do Gafanhoto" (Nathanael West, Livraria Snob). O primeiro começa assim: "Aqui vai tudo de mal a pior. Na semana passada morreu a minha tia Jacinta e, no sábado, quando já a tínhamos enterrado e começava a abalar-nos a tristeza, começou a chover como nunca." O narrador vai por ali fora, as águas do rio a subirem levando a vaca que o pai oferecera à sua irmã Tacha pelos seus 12 anos, parágrafos arrebatados pela natureza e nós arrebatados pelos parágrafos, até que de súbito nos explica: "O problema que há em minha casa é o que poderá acontecer no dia de amanhã, agora que a minha irmã Tacha ficou sem nada. Porque o meu papá com muito trabalho tinha conseguido a Serpentina, ainda ela era uma vitelina, para a dar à minha irmã, a fim de que ela tivesse um capitalzinho e não se tornasse puta como fizeram as minhas outras duas irmãs, as maiores." Segundo exemplo: "Por volta da saída do trabalho, Tod Hackett ouviu um grande estrondo na rua do edifício onde trabalhava." Tod vai à janela e somos brindados com a breve descrição de exércitos em fuga, um caos bélico em que se misturam fardas negras, infantaria escarlate, polainas e saias axadrezadas. O leitor acompanha o olhar de Tod até o narrador nos apresentar a personagem: "Ainda não tinham passado três meses desde que se mudara para Hollywood e tudo era excitantemente novo (...)." Está tudo na literatura. ●